



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO SOBRE HISTÓRIA LOCAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA**

ANA MÁRCIA MACIEL

**REPRESENTAÇÕES DO MODERNO EM UMBUZEIRO: UMA CIDADE EM
TRANSFORMAÇÃO (1910-1930)**

**CAMPINA GRANDE
2020**

ANA MÁRCIA MACIEL

**REPRESENTAÇÕES DO MODERNO EM UMBUZEIRO: UMA CIDADE EM
TRANSFORMAÇÃO (1910-1930)**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Local da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em Estudo de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Espaços, cultura e sociabilidades.

Orientador: Dr. Iordan Queiroz Gomes

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152e Maciel, Ana Márcia.

Representações do moderno em Umbuzeiro [manuscrito] :
uma cidade em transformação (1910-1930) / Ana Márcia Maciel.
- 2020.

44 p. : il. colorido. Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local,
Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes ,
Departamento de História - CEDUC."

1. Umbuzeiro - Paraíba. 2. Historiografia. 3. Modernização.
4. Transformação urbana. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ANA MÁRCIA MACIEL

REPRESENTAÇÕES DO MODERNO EM UMBUZEIRO: UMA CIDADE
EM TRANSFORMAÇÃO (1910-1930)

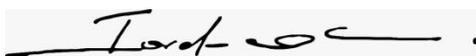
Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Local da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialização em Estudo de História Local: Sociedade, Educação e Cultura.

Linha de Pesquisa: Espaços, cultura e sociabilidades.

Aprovada em: 17/07/2020.

Nota auferida: 9,5

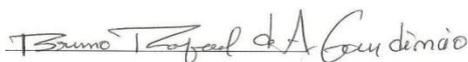
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes (Orientador)
NUPEHL / DH / UEPB



Prof. Ma. Tatiane Vieira da Silva
PPGH / UFPE



Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
NUPEHL / UEPB

Aos meus pais, Lúcia e César,
por todo amor, incentivo e cuidado.
A cidade de Umbuzeiro, onde tenho minhas raízes.
Aos que, como eu, comungam do desejo de conhecer o tempo escoado.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida.

Aos meus pais Cesar e Lúcia, pelo amor, dedicação e incentivo aos estudos.

A minha irmã Ana Cassia, pelo companheirismo, e ao meu irmão, Paulo César que tanto me dá forças para continuar mesmo sem saber.

A Guilherme Júnior, pelo amor, compreensão e incentivo.

A todos os meus familiares pelo apoio e carinho.

Aos diversos professores que contribuíram na minha trajetória educacional, de forma especial aos que ao longo do último ano no Programa de Pós-Graduação em Estudos de História Local: sociedade, educação e cultura que muito me ajudou no amadurecimento da trajetória acadêmica.

Em especial, ao meu orientador Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes pela paciência, carinho e dedicação no desenvolvimento dessa pesquisa que tanto me encanta.

A Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Prof. Dr. Luíra Freire, pela coragem em defender e promover pesquisas sobre História Local, tendo em vista que esse espaço possibilitou a narrativa histórica de inúmeras cidades, pela ética, seriedade e cuidado com todos os alunos.

A Prof. Tatiane Vieira que foi minha professora e hoje é minha amiga de trabalho, pelos ensinamentos e carinho.

Aos meus colegas de classe pelas dificuldades, alegrias e debates compartilhados no dia a dia.

Aos meus amigos que me encorajam a seguir diante dos desafios, de maneira especial a Olindina Ticiane, Juliana Almeida, Juliana Falcão e a Andreza Tainara pela força, carinho e torcida.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos que de alguma forma contribuíram para concretização de mais um sonho: a minha primeira pós-graduação.

Agradeço!

REPRESENTAÇÕES DO MODERNO EM UMBUZEIRO: UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO (1910-1930)

Ana Márcia Maciel¹

RESUMO

A cidade é um organismo vivo que guarda memórias, desejos e transformações ao longo do tempo; fator que tem inspirado muitos escritos sobre este fenômeno humano, de forma especial no que tange a Paraíba. Nessa perspectiva, buscamos compreender a dinâmica social do processo de modernização ocorrido na cidade de Umbuzeiro no início do século XX, mapeando os espaços urbanos que adquirem os signos do moderno e quais camadas sociais que tiveram acesso aos melhoramentos urbanos e de que forma impactam o cotidiano das pessoas. Frente a tais objetivos, investigamos as diversas representações dessa urbe em transformação e suas relações com as elites locais que a influenciaram. Destarte, para construir nossos escritos nos apoiaremos em autores como Walter Benjamin (1991), Eliane Morelli Abrahão (2010), Sandra Jatahy Pesavento (1995), Maria Izilda Santos de Matos (2002), Gervácio Batista Aranha (2005) que tanto nos ajudam a pensar a cidade, o moderno, as rupturas e permanências no cotidiano das urbes que são atravessadas pelos projetos políticos de modernização, embelezamento e civilidade. Como também, apoiamos a nossa pesquisa em fontes que nos permitiram acessar vestígios do passado, são eles: anuários, inventários *post mortem*, mensagens presidenciais, periódicos, fotografias, entre outros, que contribuíram para a construção da narrativa histórica sobre a cidade de Umbuzeiro e suas transformações urbanas.

Palavras-chave: Transformações Urbanas. Umbuzeiro. Cultura Material.

¹ marciamacie129@hotmail.com

REPRESENTACIONES DEL MODERNO EN UMBUZEIRO: UNA CIUDAD EN TRANSFORMACIÓN (1910-1930)

Ana Márcia Maciel²

RESUMEN

La ciudad es un organismo vivo que guarda recuerdos, deseos y transformaciones al largo del tiempo; factor que ha inspirado muchos escritos sobre este fenómeno humano, especialmente con respecto a Paraíba. En esta perspectiva, buscamos comprender la dinámica social del proceso de modernización que ocurrió en la ciudad de Umbuzeiro a los principios del siglo XX, mapeando los espacios urbanos que adquieren los signos de la modernidad y cual estratos sociales que tuvieron acceso a las mejoras urbanas y cómo impactan la vida cotidiana de las personas. En vista de estos objetivos, investigamos las diversas representaciones de esta ciudad cambiante y sus relaciones con las élites locales que la influenciaron. Por lo tanto, para construir nuestros escritos confiaremos en autores como Walter Benjamin (1991), Eliane Morelli Abrahão (2010), Sandra Jatahy Pesavento (1995), Maria Izilda Santos de Matos (2002), Gervácio Batista Aranha (2005) que nos ayudan a pensar en la ciudad, el moderno, las rupturas y permanencias en la vida cotidiana de las ciudades que son atravesadas por los proyectos políticos de modernización, embellecimiento y civilidad. Además, apoyamos nuestra investigación en fuentes que nos permitieron acceder a vestigios del pasado, que son: anuarios, inventarios *post mortem*, mensajes presidenciales, publicaciones periódicas, fotografías, entre otros, que contribuyeron para la construcción de la narrativa histórica sobre la ciudad de Umbuzeiro y sus transformaciones urbanas.

Palabras clave: Transformaciones Urbanas. Umbuzeiro. Cultura Material.

² marciamaciel29@hotmail.com

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 – Divisão administrativa da Paraíba em 1920. Destaque para a região dos Cariris Velhos e a localização de Umbuzeiro.....	18
Figura 02 – Grupo Escolar Coronel Antonio Pessôa.....	22
Figura 03 – Praça João Pessôa.....	28
Figura 04 – Estação de Monta de Umbuzeiro.....	29
Figura 05 – Mercado Público de Umbuzeiro.....	30
Figura 06 – Banheiro Público de Umbuzeiro.....	31
Figura 07 – Traçado de Ramal Férreo Bom Jardim a Umbuzeiro.....	32
Figura 08 – Foto da Família Maciel.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Construções de estradas de rodagem.....	18
Tabela 02 – Escolaridade de Umbuzeiro de 1920.....	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 UMBUZEIRO: ENTRE O MODERNO E O RURAL.....	15
2.1 Território, limites e fronteiras.....	16
2.2 População, instrução e modernidade.....	20
3 AS REPRESENTAÇÕES DE UMA URBE EM TRANSFORMAÇÃO.....	24
4 UM PERCURSO SOBRE OS INVENTÁRIOS POST MORTEN: ENREDANDO MEMÓRIAS.....	34
4.1 Os inventários e a vida material em Umbuzeiro.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O historiador tem no passado sua inquietude, sua forma particular de compreender o hoje. É na poeira dos arquivos que está seu deleite, escrever sobre um tempo que não viveu, nos faz refletir sobre a arte da escrita que nos encanta e nos desafia, assim é a história. É por meio dos restos do vivido que tentamos nos aproximar desse passado que nos apresenta a possibilidade de (re) apresentá-lo, (re) contá-lo, (re) escrevê-lo.³

A narrativa histórica é um ato do fazer de um indivíduo que possui uma trajetória marcada por desejos, sonhos, medos, inquietações... Assim, é o historiador que se debruça sobre o passado, lançando olhares atravessados por espaços que o constituem enquanto ser social, isto é, o chamado de “*lugar social*”, o qual determina a lente usada para interpretar o passado. No dizer de Certeau, “o lugar onde produz seu discurso, protegida por um distanciamento do seu objeto” (CERTEAU, 2010, pag. 14).

Nessa perspectiva, iremos construir uma narrativa sobre as transformações urbanas ocorridas na cidade de Umbuzeiro (1910-1930), pensando a cidade a partir do horizonte local. Importa lembrar que aqui a cidade é pensada como um objeto entrecortado por temáticas, apropriadas pelo historiador que se apropria de um recorte o qual está intrinsecamente ligado a redução de observação dos jogos de escala como nos apresenta Jacques Revel (1998)⁴.

Nosso trabalho se insere no campo da História Local pela opção temática realizada ao longo da construção da escrita, observando que ao tratar de um local, tratamos também de um espaço que é a cidade, e nela buscamos observar as mudanças ocorridas pelas benesses municipais que levaram a alterações de hábitos e práticas no espaço urbano. “Assim, os significados de ‘local’ estão embrionariamente ligados a uma concepção de lugar e, nessa relação, ‘lugar’ está indissociável de espaço”.⁵

O espaço que compõe a cidade é, portanto, um mosaico que se modifica constantemente, é um ambiente vivo que guarda memórias, desejos e transformações experimentadas ao longo do tempo. Muito se tem escrito sobre este fenômeno humano, de forma especial no que tange a Paraíba.⁶ No entanto, ainda há uma infinidade de olhares

³ Ver, sobre isso, RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp 2007.

⁴ REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

⁵ CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**. Vol.7, nº13. p. 272-292 – 2018.

⁶ Vale salientar que os estudos sobre cidades no que diz respeito a Paraíba é muito vasto e com diversas perspectivas de objetivos, fontes e metodologias. Um desses trabalhos, a saber, a dissertação de Tatiane Vieira da Silva intitulado: **A fabricação de uma cidade monumentalizada: memória, identidade e patrimônio em**

possíveis para serem lançados sobre as cidades interioranas, as quais possuem um campo fértil para pesquisas direcionadas em buscar compreender as mudanças urbanas ocorridas a partir da revolução industrial que fomentaram novos modos de ser, viver e perceber o mundo a sua volta.

Nessa perspectiva, buscamos compreender a dinâmica social do processo de modernização ocorrida entre as décadas de 1910 – 1930 na cidade de Umbuzeiro/PB, mapeando os espaços urbanos que adquirem os signos do moderno e quais camadas sociais tem acesso aos melhoramentos urbanos e de que forma impactam o cotidiano das pessoas. Como também, investigar as diversas representações dessa urbe em transformação e suas relações com as elites locais que a influenciaram. A escolha do recorte temporal apoiou-se no fato de que as principais transformações urbanas testemunhadas e vivenciadas pela cidade de Umbuzeiro, tanto nos espaços públicos como no campo do privado, correspondem a esse período histórico.

Destarte, para construir esse texto, nos apoiaremos em trabalhos como os de Sandra Jatahy Pesavento, a qual nos apresenta maneiras possíveis de ler o espaço urbano a partir da “História Cultural que passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais.” (PESAVENTO, 2003, p. 77). Outras obras que nos serviu como norte para pensar a cidade e seus diversos sentidos, foram as de Walter Benjamin (1991) que em seus escritos analisou as experiências de uma Paris em processo de modernização, seu encantamento e suas feridas sociais alargadas pelas transformações que a cidade vivenciou. O autor também tece algumas críticas, a uma modernidade que se ergue em nome do progresso, sobre uma massa que observa a cidade-luz de dentro das fábricas, luz que encanta e disfarça, e que é fonte de desejos inalcançáveis.

Na esteira de Benjamin, isto é, partindo das noções de experiência moderna e da crítica lançada aos sentidos do ser moderno, adotaremos aqui o debate em torno dos *símbolos do moderno* de Gervácio Batista Aranha (2005), para pensarmos o processo de modernidade paraibana durante o século XX. Assim, para Aranha (2005, p. 79) pensar a modernidade “com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno”. É fazer o exercício de (re) conhecer as transformações

Umbuzeiro (PB), aborda Umbuzeiro como uma cidade monumentalizada ao longo do tempo pela família Pessoa, por meio de espaços de memória espalhados pelo traçado urbano com os nomes dos membros dessa família seja nas ruas, avenidas, prédios públicos ou até mesmo no hino da cidade revelam uma construção de uma memória que se confunde com a história da cidade.

urbanas a partir desses símbolos que se exprimem por meio de novidades tecnológicas de uso coletivo.

Transportes e comunicações (sistemas telegráfico, telefônico, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanadas e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros. (ARANHA, 2005, p. 79).

Dessa forma, os símbolos do moderno vão representar o contato com o novo, o chique, o civilizado, trazendo a possibilidades de experiências modernas, pautadas nesses símbolos que modificam não só a paisagem urbana, como também, as sociabilidades. A chave teórica e metodológica apontada pelo autor, em que pese apontar um caminho para se estudar as pequenas e médias cidades nortistas, serviu de roteiro para produção de vários trabalhos que se preocuparam em entender a dinâmica local e particular de cada cidade em sintonia com o moderno.

Cabe lembrar que a cidade pode ser analisada também por meio do cotidiano o qual possui duas categorias distintas e interligadas por meio de “espaços” que podem pertencer ao campo do público ou do privado. A pesquisadora Maria Izilda Santos de Matos (2002) abre um leque de possibilidades a partir desse terreno fértil que é as categorias de *Público/Privado* para pensar as tensões, disputas, memórias, intimidades que se revelam no cotidiano de sujeitos que produzem o espaço urbano.

Ao longo da nossa trajetória de investigação sobre a cidade de Umbuzeiro, tivemos o aporte de fontes que nos permitiram penetrar em um tempo escoado, utilizadas para acessar os vestígios do passado, como nos aponta Carlo Ginzburg (1989), abrindo ao historiador um leque de possibilidades de informações, dados, fatos que estão esquecidos sobre a cortina do tempo. Ou seja, o período de efervescência das mudanças do espaço urbano foi registrado por vários resíduos que resistiram ao efeito corrosivo do tempo, permitindo que tentássemos entender aspectos significativos desse processo. Foram eles: fotografias, mensagens presidenciais, inventários *post mortem*, entre outros. Todos lidos e interpretados enquanto fontes em potencial, a partir dos indícios que trazem do tempo de outrora. Cabe registrar que percebemos que há uma ampla gama de fontes que o historiador pode se debruçar para compreender melhor as tramas e os projetos arquitetados pela elite local de modernidade para a cidade de Umbuzeiro.

No que se refere ao trato com as fontes a leitura de Eliane Morelli Abrahão (2010), abriu caminhos para trabalharmos de forma mais objetiva os inventários *post mortem*

disponíveis no Fórum Epitácio Pessoa na cidade de Umbuzeiro/PB. Ao longo da pesquisa foram utilizados cerca de seis inventários que tomamos como aporte para pensar o espaço privado nas casas umbuzeirenses, penetramos de porta a dentro e buscamos perceber o cotidiano, quais eram os bens de valor, os itens de conforto, as formas de morar e viver na urbe umbuzeireNSE.

Outra fonte muito rica foram as *Mensagens Presidenciais da Parahyba*, os *Decretos do governo estadual e federal*, e os *periódicos* que nos ajudaram a compreender a construção de uma cidade e de suas memórias por meio dos “discursos oficiais” que buscaram tornar a cidade de umbuzeiro um espaço onde o progresso se fazia presente através das benfeitorias municipais, estaduais e federais.

Por fim, as imagens fotográficas permitiram fazer um exercício de interpretação importante desse processo de mudanças. Aqui, elas foram tratadas como fontes históricas também são passíveis de serem interpretadas a partir dos indícios que carregam do tempo escoado, como bem nos apresenta o historiador Severino Cabral Filho (2009, p.38). “A exploração das imagens fotográficas em sua inesgotável riqueza documental pode constituir-se, (...) numa estratégia metodológica capaz de permitir a atribuição de significados novos a representações sobre o passado”. Assim, as fotografias utilizadas nos ajudam por meio da imagem reconstruir parte da história de umbuzeiro no campo narrativo e no campo imagético.

Para tanto, o trabalho está dividido em três partes que busca apresentar de forma clara e profunda as transformações urbanas ocorridas na cidade de Umbuzeiro/PB no início do século XX. Como também, apresentar ao leitor uma urbe sobre uma ótica até então não contemplada, que nos permite conhecer uma narrativa para além da poderosa Família Pessoa, adentrando a casa dos populares, seja ela de tijolos ou taipa, com posses ou não, observando como essas transformações afetam o cotidiano e as sociabilidades dos cidadãos.

No primeiro ponto, fazemos um percurso de apresentação com informações mais gerais sobre a cidade de Umbuzeiro, evidenciando uma urbe desigual, majoritariamente rural e com algumas mudanças no espaço urbano. No segundo ponto analisamos as principais benesses municipais com a construção de alguns signos do moderno que vão sendo usados como pilares para uma divulgação das transformações urbana tão desejadas pela elite local, mas, que na prática não figura como um espaço onde a modernidade se imprime.

No terceiro e último ponto, fizemos um passeio pela cidade do passado (re)apresentada pelos cidadãos que não estão no rol dos grandes personagens, notadamente abrindo a dimensão do privado, vislumbrando uma urbe que se abria porta adentro, isto é, no

espaço privado. O foco aqui foi a interpretação da intimidade que os inventários nos permitem ver, com a riqueza de detalhes dos bens de vários umbuzeirenses que não possuem acesso as benfeitorias municipais. Assim, nos deparamos com uma cidade decantada e desejada como moderna, bela e civilizada, mas, que no campo prático se estabelece como um espaço rural, simples e rústicos. As mudanças aqui foram vivenciadas de forma muito lenta, calma e não atinge a uma cidade como o todo mas, quem dela pode usufruir.

2 UMBUZEIRO: ENTRE O MODERNO E O RURAL

Os olhos lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra nos seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda, que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da história, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar os olhos nem tampouco o coração (Antônio Paulo Rezende).

As pesquisas sobre temas que abordam a cidade, o mundo urbano em sua relação com as conquistas materiais, tem ganhado cada vez mais destaque no campo da história, principalmente na Paraíba. Estes estudos nos ajudam a tentar compreender as transformações urbanas e sociais ocorridas ao longo do tempo nas grandes e médias cidades, como também, em cidades de pequeno porte e interioranas, características da maior parte das cidades paraibanas.

Apesar das dificuldades encontradas no curso das pesquisas realizadas sobre esses espaços, as cidades pequenas podem ser historiadas graças a presença de indispensáveis fontes as quais necessitam de um olhar especial e sensível como sugere Antônio Paulo Rezende. Essa educação do olhar, sugere pensar sobre os diferentes e desiguais processos de mudanças com a chegada dos aparelhos modernos tão almeçados por todos os administradores municipais que deslumbravam nestas conquistas o símbolo do progresso, do desenvolvimento e da modernidade, que modificam as formas de viver, ser e sentir nas urbes interioranas.

Nessa perspectiva, tentaremos construir um campo narrativo que transborde as tradicionais visões políticas lançadas sobre a cidade de Umbuzeiro, e perceber quais as discontinuidades e permanências foram geradas pela conquista dos signos do moderno, costurado pelos novos modos de sociabilidades, desejos e medos que atravessam tais espaços urbanos.

Durante muito tempo, a cidade pareceu viver à sombra da tradição familiar Pessoa e encarou um processo lento de transformações, muitas delas desejadas e arquitetadas pela Família Pessoa que visualizava fazer de sua terra natal um espaço marcado pela prosperidade, pelo progresso e pelo desenvolvimento. Tanto é que, o auge das mudanças urbanas vivenciadas pelos seus antigos moradores corresponde ao ápice do poder político dessa Família que tinham seus membros espalhados por todos os segmentos políticos do período e

assume no cenário nacional ainda mais destaque com o comando de Epiácio Pessoa a frente da Presidência do Brasil (1919-1922).

A prosperidade decantada e planejada para essa cidade nos faz caminhar com diversos elementos que nos possibilitou ampliar nosso olhar para tentar entender as cidades que abrigam Umbuzeiro, especialmente aquelas construídas, por vários personagens que circulavam em espaços distintos da mesma urbe. Nessa perspectiva, nos interessou as mudanças urbanas ocorridas nos espaços do público e do privado suas alterações de sociabilidades, hábitos e os arranjos de memórias que construíram uma cidade filha da poderosa Família Pessoa.

Dessa forma, deve-se ainda estar atento para não se universalizar historicamente as categorias ligadas ao espaço, “entre elas a polaridade público/privado”. “A moderna separação entre público e privado é algo histórico e, portanto, não inevitável ou natural” este espaço se comporta como “o lugar da familiaridade – o doméstico, o íntimo” (MATOS, 2002, p. 38).

Vale salientar que os espaços tidos como privados também são passíveis de representações e significados, nessa perspectiva, “Entendemos a casa como o lugar de memória, de uma memória seletiva (...) as maneiras de morar, as comodidades, os luxos adotados pela sociedade em um determinado momento social, cultural e econômico” (ABRAHÃO, 2010, p.15). São objetos de estudo para o historiador que busca compreender as tramas do cotidiano presente na urbe em processo de transformação da vida material.

2.1 Território, limites e fronteiras...

*Suas serras e seus horizontes
Sentir nos mirantes a paz em seu redor
Minha serra dos cariris velhos
Ouvir tuas histórias
Na voz dos teus filhos é muito melhor⁷*

A cidade aqui é pensada como um espaço marcado pela ação do homem, que reflete seus sonhos, anseios, angústias, desejos, hábitos, práticas, historicamente construída pelos corpos que ali deixaram suas marcas ao longo do tempo e que reflete diretamente os valores culturais compartilhados pela sociedade na qual estão inseridos. (PENSAVENTO, 1995, p. 48). A urbe umbuzeirense contém as marcas dos desejos, dos sonhos e dos anseios de seus

⁷ Hino municipal de Umbuzeiro, compositor: Ivandro Souto (GOMES 1995, p. 83).

personagens que a produziram e planejaram ao longo do tempo buscando tornar esse lugar uma cidade com destaque a nível estadual e nacional por suas benesses municipais que fez da mesma referência de prosperidade e desenvolvimento econômico, político, social e cultural diante dos demais municípios paraibanos.

O território onde está situada a cidade de Umbuzeiro já pertenceu respectivamente à Vila Real de São João do Cariri, Vila de Cabaceiras e à Vila de Ingá. Desta última se emancipou em “1890, pelo Decreto nº 15 de 2 de maio”, que criou o município de Umbuzeiro, durante o governo provisório do Dr. Venâncio Neiva.⁸ A sede da vila foi “Transferida para a povoação de Barra de Natuba por decreto est. [Estadual] n.º 25 de 19 de maio de 1892. Foi restabelecida a sede actual por lei est. [Estadual] n.º 225 de 19 de novembro de 1904”⁹. Onde permanece até os dias atuais com sua sede política-administrativa.

A Palavra Umbuzeiro tem origem indígena e é uma corruptela da palavra tupi-guarani "y-mb-u", que significava “árvore-que-dá-de-beber”¹⁰ Provém de uma frondosa árvore nativa da região que possui um fruto peculiar com uma polpa de gosto cítrico e que contém uma grande quantidade de água, sua safra é sazonal e oferece uma sombra que muitas vezes foi utilizada como abrigo pelos tropeiros viajantes e que deu nome a esse território, é planta nativa que prolifera em cultura espontânea em vários pontos da Serra da Borborema.

Umbuzeiro faz parte da região dos *Cariris Velhos* presente na letra do hino municipal, o qual também faz referência a formação geográfica da região: *Minha serra*, característica do relevo geográfico do município, a sede da cidade está localizada no alto do planalto da Borborema em uma das serras que compõem a paisagem do seu território cortado pelo Rio Paraíba, e limita-se com o vizinho estado de Pernambuco.

Durante o período estudado sua população estava distribuída entre 6 povoados: “Aguapaba com 24 km de distância da sede da cidade, Matta Virgem 24 km, Natuba 24 km, Aroeiras 36 km, Pirauá 54 km e Pedro Velho 54 km”¹¹. Umbuzeiro em 1920 possuía uma vasta área de “1.402 km² em superfície territorial” fazendo divisa “Ao norte, Campina Grande, Ingá e Itabayana; a leste e ao sul, com o Estado de Pernambuco e a oeste, Cabaceiras”, como mostra o mapa abaixo:

⁸Decreto de Criação da Vila de Umbuzeiro. Ver em (GOMES. 1995, p. 9).

⁹Ver em (ANUARIO. 1930, p. 137).

¹⁰Significado e origem do nome “Umbuzeiro”. Ver em (SILVA. 2015, p. 17).

¹¹Limites e divisões da Parahyba do Norte. Ver ANUÁRIO (1930).

Natuba (PB)	Barra de Natuba (PB)	17,5
Limoeiro (PE)	Umbuzeiro (PB)	49,9

Fonte: GOMES (1995) e ANUÁRIO (1930).

Cabe destacar que o governo federal destinou a Parahyba recursos financeiros como ajuda ao enfrentamento contra a seca. Em 1920 foram cerca de “151:000\$000 saldo da verba entregue ao Estado para os trabalhos da estrada de rodagem” desse montante destinado aos cofres públicos foram empenhados “30:000\$000 para estrada no município de Umbuzeiro”¹⁶. Levando a crer que Umbuzeiro tornou-se um ponto importante na captação de recursos advindos do acalentado projeto epítacista de engrandecimento do Norte.

Dito de outro modo, é preciso lembrar que esse período coincide com o auge da Família Pessoa na política local, estadual e nacional; o seu poder econômico, político e social da família serviu como uma espécie de canal que fez com que Umbuzeiro, de “portas largas”, caminhasse em direção ao processo de modernização da terra que foi o berço dessa tradicional família Parahybana. Como nos mostra a fala do então Presidente da Parahyba, Walfredo Leal: “Umbuzeiro é incontestavelmente um dos municípios mais florescentes do Estado, onde a municipalidade muito tem feito”¹⁷.

Visto por outro lado, as estradas são antes de tudo um símbolo de modernidade que favoreciam o desenvolvimento econômico, uma maior circulação de pessoas e bens, como também, diminui o tempo de viagem de uma cidade a outra. Assim, podemos perceber que Umbuzeiro possuía um modo tímido e lento sobre a percepção de tempo que vai sendo alterado de acordo com os melhoramentos das cidades que vão sendo realizadas e conseqüentemente consumidas pelas pessoas.

O favorecimento da posição geográfica da região, a abertura e melhoramento de estradas, a sua produção agrícola e animal projetou a então Vila de Umbuzeiro como uma promissora cidade do agreste. Seu cenário no campo político estadual e nacional também irá contribuir com as conquistas materiais durante os primeiros anos do século XX.

Diante do exposto até agora, é necessário percebermos que os jogos de representações estão presentes em todas as fases de mudanças da cidade produzidas por uma elite local que

¹⁶ Mensagem presidencial do Estado da Parahyba (01 de março de 1920).

¹⁷ Mensagem Presidencial do Estado da Parahyba (01 de setembro de 1907).

se beneficia com esse tipo de divulgação construída para enaltecer a urbe, e por consequência a Família Pessoa que goza tanto no plano prático do cotidiano, como também, fortalece o status social diante das demais classes política e econômica do período.

2.2 População, instrução e modernidade

Umbuzeiro, durante o período estudado, não possuía apenas um vasto território geográfico, mais também, uma volumosa população distribuída ao longo de seus povoamentos, que viviam de forma simples, movida ao ritmo da natureza, de maneira pacata e tradicional de viver e morar, sem muito luxo e com muito trabalho, dia após dia tentando deixar seus nomes, suas memórias, nesse chão de tantos.

A densidade populacional em Umbuzeiro na década de “1920 era de 24.789”¹⁸, esse número era relativamente alto, e fazia com que a cidade estivesse presente no grupo das 15 cidades mais populosas da Parahyba do Norte. Conseqüentemente, esses dados refletem um dos maiores eleitorados do estado, que sempre teve dominado pelo poder político da Família Pessoa.

Se a cidade apresentava uma densidade demográfica relativamente alta, outros impasses ganhavam forma em sua configuração urbana e social. Ao que se refere a instrução da população, por exemplo, temos uma disparidade enorme no que diz respeito ao letramento dos cidadãos umbuzeirenses, “o grau de instrução da população era 1.964 pessoas que detinham as habilidades de ler e escrever e 22.825 pessoas”¹⁹ analfabetas mostrando assim a desigualdade social, a falta de escolas, a ausência de professores e principalmente as longas distancias entre os pontos de ensino e as comunidades rurais.

“As crianças de 0 a 6 anos de 5.495 apenas 7 estão provavelmente matriculadas no ensino municipal”²⁰. Essas 7 crianças que aprenderam a ler e escrever são provavelmente filhos da elite local que possuem condições de oferecer aos seus filhos o material necessário para estudarem, roupas, comida, e como transportá-las.

A disparidade se torna ainda mais expressiva quando observamos os dados que se referem as pessoas com mais de 15 anos, jovens e adultos que não tiveram oportunidade de conhecerem a escrita e a leitura, a magia de escrever o próprio nome em um papel. Esses umbuzeirenses que não tiveram a oportunidade de acessar essa ferramenta moderna que

¹⁸ Ver em Anuário de 1930.

¹⁹ Ver em Anuário de 1930.

²⁰ Ver em Anuário de 1930.

chega a poucos, nos mostra que a modernidade não está acessível a todos, ela é seletiva. Como podemos observar na tabela abaixo:

TABELA 2 – Escolaridade de Umbuzeiro de 1920.

UMBUZEIRO – 1920		
IDADE	INSTRUÍDOS	ANALFABETOS
0 – 6	7	5.488
7 – 14	332	5.012
+ 15	1.625	12.325
TOTAL:	1.964	22.825

Fonte: ANUÁRIO (1930).

As longas distâncias dos povoados a sede do município em Umbuzeiro nos apresenta um dos possíveis motivos para tamanha distorção em relação a instrução da população, a falta de transporte abriam caminhos para outras alternativas de locomoção, como: os lombos de cavalos, carroças, e na maioria das vezes o caminho era percorrido a pé, as únicas alternativas para a população rural e pobre que não possuíam um automóvel.

Essas desigualdades nos trás a luz formas de viver e morar em uma cidade que se apresenta e busca transformações urbanas modernas. Esses dados nos faz refletir sobre questões mais amplas, quais eram as pessoas que usufruíam do ensino que lhe permitiam aprender a ler e escrever? Quais eram as camadas da sociedade que consumiam as benfeitorias municipais? Quais pessoas tinham acesso aos símbolos do conforto? A modernidade chega pra quem? Até que ponto podemos falar em modernização na cidade de Umbuzeiro? Talvez a próspera cidade decantada pelos órgãos oficiais nunca tivera existido na prática, apenas no imaginário de seus benfeitores.

Dito de outro modo, como bem nos apresentam as fontes, apesar do esforço do poder político, dos órgãos de imprensa e da elite local, Umbuzeiro apresentava muitos impasses quanto a vida urbana. Cenas de contrastes se fazem presentes no cotidiano dessa cidade, fortes traços de vida rural e pacata se distanciam do glamour almejado das benesses municipais. Mas, isso não impediu que algumas melhorias fossem ali experimentadas e vivenciadas.

Esta cidade produziu uma imagem de si para o outro que a leva para um patamar de cidade evoluída, esta referência está ancorada nos símbolos modernos que foram sendo

adquiridos ao longo do tempo, como: a chegada da luz em 1906, inauguração do mercado municipal em 1916, com uma arquitetura neoclássica inspirada dos grandes centros urbanos, a construção da Estação de Monta de Umbuzeiro inaugurada em 1922, a construção de do Grupo Escolar Coronel Antonio Pessoa inaugurado em 1924²¹, entre outros.

Em 1926 o então Presidente do Estado João Suassuna relata que “A Parahyba já possui nove grupos escolares em pleno funcionamento, sendo seis nesta capital e três nas sédes dos municípios de Itabayaana, Campina Grande e Umbuzeiro.”²² Abaixo podemos observar a imagem do Grupo Escolar de Umbuzeiro:

Figura 02– Grupo Escolar Coronel Antonio Pessoa.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Márcia Maciel (2020).

A imagem acima é do Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa que recebeu o nome de um dos filhos ilustres, construído para instruir a elite local, erguido no centro da urbe que se moldava a partir dos referenciais das grandes capitais como Recife e Rio de Janeiro, possuía o anseio de conquistar um lugar de destaque entre as cidades paraibanas e nordestinas. Este espaço dedicado ao conhecimento possui ainda hoje a mesma organização interna com 6 salas grandes, claras e bem ventiladas, um pátio onde eram feitas as apresentações dos alunos, ao lado um alpendre e um espaço plano que possivelmente seria destinado a outras vivências educativas e a sociabilidade dos alunos que ali foram alfabetizados.

²¹ O Grupo escolar além de sua imponência presente na arquitetura e em seu tamanho, ele possui a imagem do Coronel Antonio Pessoa em alto relevo “Exposto na parede principal, de frente para quem entra no grupo, está fixada uma efígie de bronze esculpida em alto relevo, assinada por Hugo Bertazzon e datada de 30 de janeiro de 1931” (SILVA, 2015. P. 112).

²² Mensagem presidencial do Estado da Parahyba (01 de outubro de 1926).

Umuzeiro buscou por meio dos símbolos modernos que foi conquistando ao longo do tempo, inserir aspectos civilizatórios aos espaços urbanos tanto no âmbito público quanto privado, e a educação é uma poderosa ferramenta que possui esta condição, alfabetizar a elite nesse contexto é importante para o status social não apenas das famílias mais abastadas, como também, a própria urbe que adquire a imagem de letrada e civilizada.

3 AS REPRESENTAÇÕES DE UMA URBE EM TRANSFORMAÇÃO

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa.
(Italo Calvino)

As cidades pertencem ao rol das mais grandiosas criações humanas, estas são atravessadas por sonhos, desejos e aspirações como nos apresenta Italo Calvino acima, e mais além, nem sempre essas aspirações são materializadas, podem esconder em seu traçado interesses disfarçados pelos personagens que a as projetam e planejaram. Como também, seus equipamentos que fazem parte do cenário urbano.

Ao adentrarmos nas conquistas tecnológicas trazidas pela revolução Industrial, modernas, é inegável que muitas delas mudaram e (re) construíram as formas de viver, sentir e ser. Essas mudanças chegaram ao espaço urbano, dando formas específicas a determinadas cidades. De modo que, quando se trata de analisar a relação entre o mundo urbano e as conquistas materiais advindas da modernidade, pensamos nas grandes referências simbólicas da urbe moderna: Londres e Paris, capitais que representaram o modelo de sociedade moderna e civilizada que seria imitada em todo o mundo Ocidental.²³

Ao longo do século XIX essas cidades viram ocorrer um processo de mudanças em seu cotidiano acarretadas por fenômenos até então desconhecidos, como: a pressa. As pessoas possuem uma nova relação com o tempo, o relógio determina as tarefas ao longo do dia, e o sentimento de pressa está de forma mútua na vida das pessoas que percebem o tempo agora mais acelerado. Outro elemento que compõe a paisagem dos grandes centros urbanos é a multidão, que causa um “efeito inebriante”, sobre os que vivem essa experiência ocasionada pelo significativo aumento da população, a multidão que está presente no vai e vem das calçadas comporta-se como um véu que cobre a “terrível realidade social”, oferece a cidade uma nova imagem de si mesma, que desperta interesse, medo, admiração e mudança. (BENJAMIN, 1991, p.53).

Esses novos elementos que estão presentes no processo de modernização contribuem para que as relações interpessoais sejam fluidas, as pessoas inseridas no campo da pressa e da multidão são levadas ao campo do individualismo. O modo de conceber a si, o outro e ao

²³ BRESCIANNI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo, Brasiliense, 1982.

mundo são afetados diretamente pelos equipamentos tecnológicos de desenvolvimento e de modernidade.

No Brasil temos como referências de cidades modernas: Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Cidades que passaram por consideráveis transformações, entre os séculos XIX e XX. Estes foram os centros urbanos, por assim dizer, que possuíram uma interação maior com os símbolos modernos. Espaços estes que iam fazer a ponte entre as grandes capitais europeias e as cidades interioranas brasileiras, lhes apresentando o acesso a mecanismos tecnológicos que vão mudar a forma de comunicação, locomoção, interação etc., de seus habitantes.

Todavia, em outras cidades do Norte, a exemplo das cidades paraibanas, o processo de modernização e a experiência de modernidade devem apoiar-se em outros parâmetros que não aqueles que vislumbram os ritmos frenéticos das grandes urbes modernas. Nessas cidades, o que poderíamos chamar de modernização e experiências de modernidade, obedecem a ritmos outros com cadências próprias da região.

Nesses espaços, a modernidade é sentida, experimentada e vivida de maneira diferente. É desse modo, pensando na impossibilidade de importar modelos de análise para pensar realidades particulares, que Aranha (2005, p. 79) afirma ser “impossível falar em vida moderna no Norte, no período estudado, tomando como parâmetro a ideia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais culturais europeias do período oitocentista.”

Nessa perspectiva, temos o intuito de analisar as diferentes formas de representação das transformações urbanas produzidos para evidenciar as benesses municipais realizadas na cidade de Umbuzeiro entre 1910 a 1930, como também, a produção de uma memória coletiva umbilicalmente ligada aos signos do moderno que nem sempre correspondem as expectativas criadas pela família Pessoa como forma de expor seu poderio econômico, político e social.

A cidade de Umbuzeiro do início do século XX possuía alguns símbolos que lhe caracterizavam como agradável e bela. Assim, penetrar nessa sociedade, tentando perceber quais experiências estavam contidas naquele contexto de mudanças que englobam aspectos arquitetônicos, de comunicação, higiênicos, educacionais, de infraestrutura, entre outras, são exemplos de experiências inspiradas a partir dos grandes centros urbanos idealizados como cidade moderna.

A urbe aqui apresentada foi marcada pela introdução de algumas melhorias em seu espaço urbano, algumas simbólicas na tradução que fez de sua experiência de modernidade, especialmente aquelas que a administração municipal construiu e inaugurou ao longo do tempo, pensar nesses avanços tecnológicos nos faz perceber como a imagem de Umbuzeiro

é construída e divulgada para assim, não só enaltecer a cidade mais, seu administrador sempre ligado a família Pessoa. É recorrente encontramos relatos presidenciais, notícias nos jornais, dados, fotos em diversas fontes que nos apresentam uma cidade enunciada a mais “florescente do Estado” como mostra o relato do então Presidente da Parahyba, Monsenhor Walfredo Leal:

(...) Tratou primeiramente de nivelar as ruas e calçadas da Villa que está com aspecto agradável e bello. Fez em seguida a sua arborização; fez aquisição de um motor <Gazogenio Acetylene> acompanhado do petrecho necessário e installou a 13 de maio do ano passado [1906] a iluminação publica no meio de aplausos dos habitantes.²⁴

Dessa forma, Umbuzeiro é o primeiro espaço urbano interiorano a ganhar tal benefício, podendo agora ter ruas e praças iluminadas. Esse fato impactou a vida dos cidadãos lhe possibilitando novos espaços de sociabilidades, diversão e encontros, possibilitando os passeios a noite, a conversa na calçada seria iluminada por um dos mais importantes símbolos da conquista material umbuzeirense. Os hábitos, as práticas, os costumes, os fazeres, os modos de ser, viver e morar em uma urbe em transformação possui configurações distintas, os signos do moderno imprimem novas experiências que alteram os hábitos e práticas da população que entram em contato, consomem e vivenciam essas conquistas, surgindo assim, novas formas de sociabilidades.

Outra importante conquista que modificou a maneira e a velocidade de comunicar-se foi destacada pelo memorialista Eduardo Gomes que não deixa de relatar o progresso dos meios de comunicação na cidade. Desde 1899 a urbe possuía “Correios e Telégrafos”, não estava isolada da capital e de Pernambuco, mas as dificuldades encontradas por tais serviços eram grandes e “as correspondências ‘viajavam às costas de animais, via João Pessoa, Ingá, Aroeiras a Umbuzeiro”. Esta rota seria mudada em 1908, quando Epiácio Pessoa criou a “linha pernambucana da agência dos Correios de Umbuzeiro via Limoeiro-Bom Jardim-Umbuzeiro”. No ano seguinte, anunciou-se a “instalação da linha telegráfica de Bom Jardim a Umbuzeiro”, inaugurada em “15 de novembro de 1911, sendo substituída por um aparelho Morse em 1912” (GOMES, 1995, p. 84).

Como podemos perceber o processo de modernização pleiteada pela administração municipal encontrou suportes na esfera estadual e nacional, tendo em vista que essas outras

²⁴ Mensagem presidencial do Estado da Parahyba (01 de setembro de 1907).

duas esferas do poder tinham personagens importantes com fortes ligações a esta cidade, sejam eles filhos da terra ou correligionários políticos. Assim, a fabricação de uma urbe moderna também imprimiu nesses espaços construídos ao longo do tempo, memórias que revelam a *monumentalização* de uma cidade que buscou em seus prédios, ruas e praças enaltecer a família Pessôa.²⁵

Destarte, essas memórias entrelaçadas aos signos do moderno dão um conjunto de significados ao sobrenome Pessôa que ecoam por todos os lados compondo uma memória em disputa, que buscavam cristalizar a imagem de uma cidade representada pela elite – limpa, moderna e segura. Por outro lado, temos as memórias que compartilham o mesmo espaço urbano, mas, que são experiências de classes sociais diferentes que compõem uma memória subalterna, vividas por seus habitantes – que não tinham acesso a educação, a iluminação, entre outros. Essas mesmas memórias foram buscando serem reconhecidas, outras protegendo o seu poder. Estes rastros do vivido possuem elos afetivos, constroem identidades e subjetividades, nessa perspectiva, essas memórias buscam se encaixar, se enquadrar em uma escrita que a possibilite a imortalidade. Nesse aspecto, o conceito de “representação” torna-se essencial para se construir a ideia de “como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais”²⁶.

A memória repousa em espaços que lhe conferem segurança e podem de alguma forma ser transmitidas, esses lugares de memória afirma Nora (1993)²⁷ possuem três sentidos: material, simbólico e funcional. Assim, a memória se monumentaliza, voluntária ou involuntariamente. A memória e suas representações do vivido podem nos revelar as tramas da história construídas por diversos atores públicos e anônimos, como também, *espaços de memória* permitem que um tempo escoado sejam (re) memorados, buscando bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imobilizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais.

Nessa perspectiva, podemos dizer que a cidade de Umbuzeiro possui em seus signos do moderno a memória em disputa, a monumentalização do espaço urbano e a apropriação do traçado da urbe pela Família Pessôa. Essa elite local que construiu os primeiros signos modernos na cidade encontra nesses mesmos equipamentos a possibilidade de perpetuação de uma memória enaltecida pelas benfeitorias.

²⁵ Ver em SILVA (2015).

²⁶ Ver em CHARTIER (1990, p. 43).

²⁷ Ver em Pierre Norra (1993).

Então, que tipo de cidade era desejada, qual era o projeto político de construção dessa urbe? Ele reflete que valores? Representa quais grupos sociais? HARVEY (2014) afirma que o “tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, (...) quais são os valores estéticos.” Dessa forma, Umbuzeiro foi criada e construída por uma elite, para uso dessa mesma elite, demonstrando a todos seu poder econômico, político e social.

Assim, acessar o espaço urbano para muitos era a única forma de ter o contato com os signos do moderno como: a iluminação pública, as ruas calçadas, os imponentes prédios e com uma arquitetura sofisticada, entre outras importantes conquistas materiais. Bastando lembrar que em 1908 “A vila contava com 108 casas e seu primeiro sobrado.” (SILVA, 2015, p. 52). Essa construção de dois andares certamente pertencia a uma família com um grande poder econômico, era percebida e admirada pelos passantes que cruzavam as ruas largas da pacata Umbuzeiro.

Podemos perceber na foto abaixo a imponência do primeiro sobrado de Umbuzeiro ao lado de casas mais simples, que certamente era motivo olhares curiosos. À frente temos a Praça João Pessoa que foi inaugurada em 1931 com a construção do busto após a morte de João Pessoa em sua homenagem, há alguns bancos na praça onde as pessoas se encontravam para conversar, ponto de encontro, divulgação de notícias, espaço de sociabilidade dos cidadãos.

Figura 03 – Praça João Pessoa.



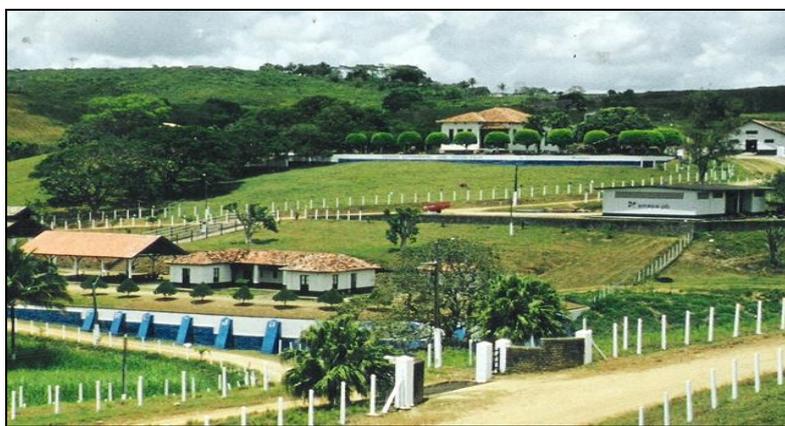
Fonte: acervo pessoal de Jorge Valeriano.

Na imagem, avista-se a Praça João Pessoa, antes a praça era nomeada de Monsenhor Walfredo, alteração ocorrida a pós a morte do Presidente João Pessoa 1930. As ruas são

largas e calçadas um carro pode ser avistado, símbolo de modernidade e poder econômico para quem o possuía, tendo em vista que as pessoas se locomoviam em grande medida de cavalos, burros e os mais populares a pé. Dessa forma, o automóvel se configura como símbolo de poder e status social.

A imagem mostra a iluminação está presente na vida de grande parte das pessoas que habitavam no perímetro urbano alargando o dia e possibilitando novos hábitos. Porém, o ritmo que compõe a vida dos cidadãos na década de 1930 período em que provavelmente a foto foi feita é calmo e não requer muita pressa, o dia passa lentamente e, ao fim, o por do sol é acompanhado por muitos debruçados nas janelas.

Figura 4 – Estação de Monta de Umbuzeiro.



Fonte: acervo pessoal da autora.

A foto acima é uma construção do projeto assinado através do “Decreto nº 14.711, de 5 de março de 1921”²⁸, pelo Drº Eptácio. A “Estação de Monta de Umbuzeiro” foi inaugurada em 14 de novembro de 1922, já no último dia de seu mandato presidencial. A estação preservou grande parte de suas características originais que podem ser observadas até os dias atuais, e para dirigir o estabelecimento, foi nomeado seu sobrinho, o engenheiro agrônomo Eptácio Pessoa Sobrinho.

A Estação de Monta de Umbuzeiro possibilitou uma maior visibilidade para a cidade, que gerou grandes benefícios para a economia local. Ao longo do tempo este espaço passou por inúmeras transformações desde administrativas até sua própria nomenclatura, hoje é conhecida como Estação Experimental João pessoa, sendo pertencente a duas empresas, federal e estadual, são elas: EMBRAPA e EMPAER, respectivamente.

²⁸ Ver em SILVA (2015, p.113).

Figura 05 – Mercado Público de Umbuzeiro.



Fonte: Jorge Valeriano.

A foto a cima mostra o Mercado Público construído em estilo *art déco* e inaugurado em 1916. *O déco* era o que havia de mais moderno em termos de estilo de construção que começou a invadir o Brasil nas décadas de 1920 e 1930, exemplo disso é que a reforma de Vergniaud Wanderley fez em Campina Grande, as construções foram todas inspiradas na *art déco*. O mercado também possui arcos que lembram o raiar do dia, o progresso chegando a esta urbe, suas dimensões são de grande porte para o período, comportava grandes quantidades de mercadoria dos comerciantes locais e vindos de outros municípios, um item modernizante em meio a práticas e hábitos rurais.

O mercado foi fotografado aberto, com algumas barracas de madeira e protegidas contra o sol para não estragar a mercadoria a sua frente e, no nosso lado esquerdo podemos observar um animal transportando um homem e sua mercadoria, esta imagem reflete uma prática muito comum dos cidadãos umbuzeirenses. Era corriqueiro a circulação de animais como meio de transporte já que a maioria do território de Umbuzeiro era rural e invadia o perímetro urbano mostrando a simplicidade dos populares. Além disso, o automóvel não era acessível a maioria das famílias umbuzeirenses, as quais encontravam nos animais de carga um meio de locomoção mais próximo de sua realidade.

Dessa forma, podemos afirmar que essas transformações na paisagem urbana coabitam com o rural, com a tradição, com os costumes e fazeres passados de geração a geração, o pacato e rústico modo de viver e morar em uma cidade que grande parte de todo seu território é rural nos apresenta um fio tênue entre a tradição e a modernidade, elementos

que dividem o mesmo espaço, ora de forma harmônica, ora de forma conflituosa e, é entre esses embates diários que surgem novos sujeitos que produzem esses espaços.

Figura 06 – Banheiro Público de Umbuzeiro.



Fonte: Jorge Valeriano.

A imagem a cima é uma foto do banheiro público com duas portas, possivelmente para fazer uma divisão por sexo, uma para homens e outra para as mulheres, contornado por um pequeno calçamento o qual dava ares modernos a construção, vemos ainda duas crianças em frente ao banheiro e um homem. As crianças aparentam estarem esperando por alguém, suas roupas são populares, uma blusa aberta com mangas e de botões na frente para fechar a camisa, embaixo estão usando um short. O homem de aparência simples usando uma camisa do mesmo modelo que as crianças, de calça e chapéu, item muito utilizado por todos os homens desde os mais ricos até os mais pobres, o ritmo do tempo obedecia a um estilo próprio a urbe moderna não possui a pressa de outros espaços urbanos.

Ao entrarmos nos caminhos do processo de modernização umbuzeirense percebemos que esse fenômeno está muito distante dos ritmos frenéticos das grandes urbes modernas, a modernidade aqui é sentida, experimentada e vivida com muita calma.

Outro símbolo da modernidade que os cidadãos tanto desejavam era a chegada do trem em Umbuzeiro, sua construção foi inserida nos projetos contra seca, durante o governo do Presidente da República Epitácio Pessoa, as obras de construção da linha férrea foram planejadas para saírem da capital pernambucana, Recife até a cidade que possuía ares inovadores: a pacata, Umbuzeiro.

Figura 07 – Traçado do ramal férreo Bom Jardim a Umbuzeiro.



Fonte: filme sob o sol Nordeste (1924).

Na imagem acima podemos perceber o traçado da linha que deveria passar o trem que teria a cidade de Umbuzeiro como ponto final. O trem sairia de Recife passando pelas cidades pernambucanas de Limoeiro e Bom Jardim até Umbuzeiro, e com seus vagões chegariam também um dos mais representativos signos do desenvolvimento e do progresso, sonho de muitos cidadãos e com bem mais fervor sonhavam a Família Pessoa seria o melhor e mais forte representação de sua grandeza.

No entanto, o trem não aporta em Umbuzeiro e o sentimento de frustração tomou a todos, os impactos que a cidade teria seriam enormes e seu desenvolvimento econômico alargaria suas possibilidades saindo da antiga produção de gado, alguns comércios locais e outras atividades sem muito destaque. Encontramos alguns dos motivos apontados no relatório apresentado ao ministério da aviação e obras públicas em 1922, revela gastos muito altos para a concretização da obra que ficou parada na cidade pernambucana de Bom Jardim, como está exposto abaixo:

Estrada de Ferro de Limoeiro a Umbuzeiro – Esta Estrada de Ferro faz parte da “Great Western”, sendo prolongamento da de Recife a Limoeiro tendo como ponto terminal a villa de Umbuzeiro, no Estado de Parahyba. (...) Os trabalhos de construção, iniciados por aquela companhia em abril de 1921, foram continuados pela Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, em fins de janeiro de 1922, em cumprimento do decreto n. 15.249, de 4 de janeiro do mesmo anno. No período de abril a dezembro de 1921 o serviço de terraplanagem, executado pela referida companhia, foi muito insignificante, produzindo um volume de excavação inferior a 4.000 metros cúbicos, compreendido no trecho entre as estacas 75 e 180 do actual traçado. A continuação dos serviços por parte da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, apresentou um aspecto muito diverso, com um desenvolvimento intenso, affluencia de trabalhadores, abundancia de material e pontualidade no pagamento feito semanalmente. As despesas realizadas em 1922 attingiram a 6.326:417\$779, havendo ainda avultados compromissos a saldar. Resolveu o

Governo suspender as obras desta estrada, até dar melhor organização ao serviço e limita-los aos recursos disponíveis. (1922, p. 100).

Dessa forma, a obra mais almejada pela elite local não se concretizou, a angústia de não ver esse signo do moderno adentrando a cidade de Umbuzeiro apesar dos grandes e inúmeros esforços realizados no cenário político pelos seus filhos, não conseguiu o trem aportar em umbuzeiro. Sem nunca ter ouvido o apito da locomotiva é como se a cidade esperasse até os dias atuais a modernidade chegar trazida pelos vagões do trem o tão sonhado progresso, a vida nessa cidade sempre foi levada ao ritmo de muito trabalho, que a construía não com a rapidez de uma caneta, mas, com o plantio demorado e penoso de um terreno fértil cultivado pelas mãos de muitos.

4 UM PERCURSO SOBRE OS INVENTÁRIOS POST MORTEN: ENREDANDO MEMÓRIAS

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos.

Pierre Nora

Aqui vamos fazer o exercício de adentrarmos aos espaços referentes ao campo do privado, mais especificamente as casas de muitos antigos moradores de Umbuzeiro. Tentando fazer um percurso da rua ao interior das casas, essa construção que é permeada de significados podem nos revelar muito de uma sociedade, de um período histórico e seus fazeres. Dessa forma, buscamos compreender como a modernização se materializava no espaço privado, quais utensílios domésticos ocupavam os diversos espaços das residências, como era sua organização nos cômodos, como também, perceber quais são as continuidades e rupturas dos hábitos com as transformações porta adentro.

Aqui, tentaremos entender o que se tinha como algo de valor – material e simbólico –, a arquitetura das casas e os bens das famílias que passavam de geração a geração, com o intuito de ampliar um olhar que nos instiga a perceber uma cidade através de seus habitantes. Para esse exercício, uma fonte mostrou-se essencial, a saber, os inventários *post mortem* pesquisados no Fórum Epitácio Pessoa na cidade de Umbuzeiro/PB. Naquele arquivo, mantivemos contato com 15 inventários, 9 foram da zona rural e 6 da zona urbana, houveram uma recorrência detalhada de bens que foram declarados, como: mesa, tamboretas, casa, telhado, terras, gado, dinheiro ou dívidas, materiais preciosos (ouro, prata e cobre), quando haviam.

Cabe lembrar que a fonte trabalhada nos apresenta uma visão geral acerca do valor dos móveis e imóveis uma vez que tudo que figurava como objeto de partilha avaliado pela autoridade judicial era declarado no inventário. Desse modo, encontramos detalhes ricos das famílias umbuzeirenses, quantos membros fazem parte do núcleo familiar, o estado civil de cada integrante, idade, endereço, ou seja, o inventário é uma fonte em potencial para analisar uma sociedade de um tempo escoado, nela encontram-se detalhes não só dos bens que são inventariados mais, das pessoas que compartilham esses bens. Assim, os inventários analisados foram importantes para perceber o universo do interior de muitas casas de Umbuzeiro cujos moradores conviviam com sinais do moderno experimentados no âmbito externo, sendo muitos deles almejados a incorporação no interior do lar. No entanto, esses desejos estavam longe de serem realizados diante das condições financeiras dessas famílias,

os documentos demonstram que a cidade a qual se desejava moderna, apresentava contradições posto que muitos de seus antigos moradores conviviam com hábitos de vida simples, enquanto que outros desfrutavam de itens mais requintados da cultura material.

Nota de orientação importante: as transformações urbanas também influenciaram alterações nos espaços privados, a conquista material durante a primeira metade do século XX possui forte influência europeia que se imprimi como referência a ser seguida pela elite brasileira e uma preocupação com os móveis domésticos foram sendo recorrentes. “Paulatinamente os interiores das residências foram sendo valorizados. Havia uma preocupação com os adornos que complementavam a decoração dos ambientes para se tornarem menos áridos e mais personalizados” (ABRAHÃO, 2010, p.95).

Nessa perspectiva, a casa passa a ser um espaço privado que se comporta de formas diversificadas, tendo dentro desse espaço privado, sub-divisões que possuem uma conotação de “público” e “privado”, como as salas de jantar que foram, aos poucos sendo abertas ao público por meio de jantares, os quartos e banheiros como espaço reservado, ou seja, guardados a intimidade familiar. “Os jantares passaram a ser oferecidos a convidados ilustres e membros de outras famílias pertencentes ao mesmo estrato social. Nessas reuniões, reafirmavam-se velhas alianças políticas e econômicas (...)” (ABRAHÃO, 2010, p.96). Certamente, Umbuzeiro berço da poderosa família Pessoa realizou muitos jantares para receber políticos, fazendeiros, coronéis, comerciantes, ou seja, pessoas que exerciam influência sobre o campo político-administrativo e econômico, no âmbito local e nacional.

Dessa forma, ao identificarmos as transformações ocorridas nos interiores das residências por meio da cultura material, (entendida aqui como um conjunto de objetos que representem a forma de viver, morar, comportar-se de uma determinada sociedade) observamos que a mobília passa de geração em geração e ganha um novo sentido passando do material para o simbólico, muitas peças irão ser tidas como objeto indenitário de algumas famílias, e conseqüentemente artigo de destaque. Essa preocupação com a mobília da casa e com aquisição de móveis sofisticados e muitas vezes personalizados eram desejos de uma elite que podia ter acesso a estes signos do conforto, recorrente nas casas abastadas e com certo requinte ao receber pessoas em suas residências. Esta configuração moderna de casa e de seus utensílios não pertence a todos os umbuzeirenses, ela se restringe a influente Família Pessoa e algumas famílias de posses.

Destarte, nos preocuparemos em abordar as residências simples dos cidadãos referenciados nas fontes pesquisadas, a modéstia de suas casas, de seus móveis, a descrição

das casas nos levam a perceber que a cidade assim como seus habitantes vivenciam as transformações urbanas em um espaço rural e rústico, que muitas vezes não acessavam as melhorias propagadas nos meios de comunicação advindas com alguns signos modernos.

4.1 Os inventários e a vida material em Umbuzeiro

Um desses inventários é datado de 25 de outubro de 1938, quando foi inventariado os bens do Senhor Manoel Freire da Silva, o inventariante foi seu filho Senhor Antônio Freire da Silva, residente em “Pedra D’água” desde nascido. E a escritã responsável pelo processo foi Carmen Cavalcante, ela registra que o inventariado possuía:

Declarou coistirem seis tamboretos com assentos de palha [...] que vista foram avaliados por nove mil reis, uma mesa grande, para refeições, perfeita, que vista foi avaliada por vinte mil reis. Declarou coistirem uma espreguiçadeira, que vista, foi avaliada por cinco mil reis. (INVENTÁRIO, 1938, p.3).

O trecho acima faz referência a um inventario que descreve com detalhes a situação com que se encontravam alguns móveis, do Senhor Manoel Freire da Silva. A partir da descrição da mesa como “grande” é um indicativo que possuía uma família numerosa. Homem de algumas posses e possivelmente recebia alguns amigos e parentes em sua casa e, assim, a mesa torna-se um elemento importante no mobiliário, pois, era o local de degustar os sabores da casa nas refeições, acompanhadas de conversas.

Este senhor também era dono de:

Declarou o inventariante existir uma parte de terras no lugar “Cru das Almas” do districto de Natuba deste termo, havia por compra a Clementino Pereira da Silva (...). Declarou coistirem dois porcos, 1 vaca solteira, 3 vacas leiteiras e 2 garrote já crescido (...). (INVENTÁRIO, 1938, p.3).

Como nos mostra a descrição do inventário acima, o Senhor Manoel possuía terras, um mobiliário simples e alguns animais que eram avaliados para serem divididos entre os filhos e sua esposa. No entanto, é necessário atentarmos para a descrição do inventário que mesmo o inventariado possuindo alguns bens para deixar aos seus familiares, estes se configuram como itens rústicos e simples, que certamente faziam parte de uma vida modéstia no campo, sem o brilho das luzes modernas expostas no pequeno perímetro central da cidade.

Em outro objeto de partilha, a descrição do inventário do Senhor Severino Alves Camelo, feito em 1929 pelo inventariante Alexandro Alves Camelo, aponta que o

inventariado residia em “Balanço” zona rural do município de Umbuzeiro. Verificado os bens, o laudo da avaliação afirmou:

Coistirem uma casa de tijolos, coberta de telhas com três portas de frente, em chão próprio, nesta vila, que avaliamos por...1:800\$000. Mas uma casa de taipa e telhas, com uma porta e uma janela, também vista nesta vila, que avaliamos por...200\$000. (INVENTÁRIO, 1929, p.5).

Acima temos a descrição de duas casas; uma de tijolos, com três portas na frente e outra de taipa com uma porta e uma janela na frente, essa descrição nos apresenta dois modelos distintos do morar, uma com mais detalhes e outra mais simples, provavelmente seus moradores são de classe sociais distintas. A casa com três portas onde morava o Senhor Severino Alves Camello é mais rebuscada, arejada e com uma estética arquitetônica muito utilizada no período, tomemos este modelo como uma residência de uma família detentora de algumas terras e, conseqüentemente lhe configurava um status social.

A segunda descrição nos revela uma construção típica dos populares, muito comum em Umbuzeiro. Geralmente essas casas são destinadas a famílias que trabalhavam para pessoas as quais lhe asseguram alguns serviços na propriedade onde moram, a lida com o gado, com a terra, possibilitando o seu sustento, estas famílias geralmente eram apadrinhadas pelos “patrões”.²⁹ As pessoas mais simples que moravam nessas residências não tinham luxo e muito menos recursos financeiros para ornamentarem suas casas, mas, usavam de táticas para tornar a existência um pouco mais confortável. Os poucos móveis são para as necessidades básicas, cada dia é vivido por vez, na busca pela sobrevivência os cidadãos mais pobres são os que erguem a cidade, alimentam e vestem as pessoas, na tentativa de vencer os obstáculos da pobreza.

Mais um relato descrito no inventário nos mostra que os bens de valor não passam de poucos bens domésticos, uma casa própria, algumas braças de terras e quando muito, uma pequena poupança advinda dos excedentes do trabalho. Como nos apresenta a descrição abaixo do inventário do Senhor Manoel Teles de Andrade, feito em 1937 pelo inventariante, residente Maria Teles de Andrade, residente na comunidade Jucá, zona rural do município de Umbuzeiro, o laudo da avaliação descreve:

Declarou ter no Jucá uma propriedade territorial de 77 braças e meio. Avaliado no valor de 1:00\$000. Uma casa de tijolos coberta com telhas, tendo seu chão próprio.

²⁹ O termo patrão aqui se refere a pessoas que tenham certas condições, e possa ceder um espaço de terra para outra família morar e que geralmente desenvolve algum trabalho para o proprietário.

Avaliada em 1:800\$000. Uma casa de taipa e coberta de telhas com uma porta e uma janela no valor de 200\$000. Dois depósitos de 600\$000. (INVENTÁRIO, 1937, p.4)

Aqui também observamos a recorrência de duas casas na terra do inventariado que correspondem a sua própria residência e de algum morador que certamente lhe ajudava na lida da terra, do gado ou de outras atividades que desenvolvia. A terra em todos os inventários apresenta-se como um bem familiar que estabelece uma relação íntima com o local que está a propriedade, a terra é uma segurança que os membros da família possuem em vida tendo a possibilidade de cultivo da plantação desejada, de cria o de animais e reservatórios onde podem armazenar água e terem uma facilidade maior na sua subsistência.

Outro documento rico em descri es sobre os bens passados de gera o a gera o   do inventário do Senhor João Francisco Alves, feito em 1930 pelo inventariante Manoel Alves Primo, residente em Picadas zona rural do município de Umbuzeiro, o laudo da avalia o afirma:

Declarou ter 35 braças de terra no lugar Picadas. Avaliado em trezentos mil reis 300\$000. Existir na referida terra uma casa de taipa, tijolo e telhas, avaliada em cem mil reis 100\$000. Declarou existir na comunidade de Pendencia uma ou duas partes de terras herdadas por herança de José Francisco Alves e sua mulher. Avaliada em duzentos e cinquenta mil reis 250\$000. Coexistirem uma casa velha de taipa e telhas dentro da referida comunidade. Avaliada em cinquenta mil reis 50\$000. (INVENTÁRIO, 1930. p. 3).

Nessa descri o podemos observar que as casas acima descritas são de taipas, isso mostra que mesmo o inventariado possuindo sua terra própria e outra de herança, ele não possui uma residência de tijolos, material mais caro e refinado para constru es. Assim, podemos afirmar que a modernidade a qual se tentava imprimir no espaço público não chegou a grande maioria dos espaços privados.

As casas se configuram de diversas formas, no entanto há uma ocorrência de modelos e materiais que são construídas,   importante atentarmos para um detalhe interessante, até agora todas as descri es das residências são colocadas portas, janelas, telhas, tijolos ou taipa. E não há uma descri o da divisão interna dos espaços. No entanto, o inventário abaixo nos brinda com uma exposi o minuciosa dos espaços da casa. Como nos mostra o relato do inventário da Senhora Silvina Pimentel de Lira, feito em 1937 pelo inventariante Sebast o Pereira de Lira, residente em Ju , o laudo da avalia o afirma:

Uma casa construída com tijolos e telhas situada a rua da União, do povoado de Umbuzeiro, deste termo, medindo cinco (5) metros de frente, com uma porta e duas

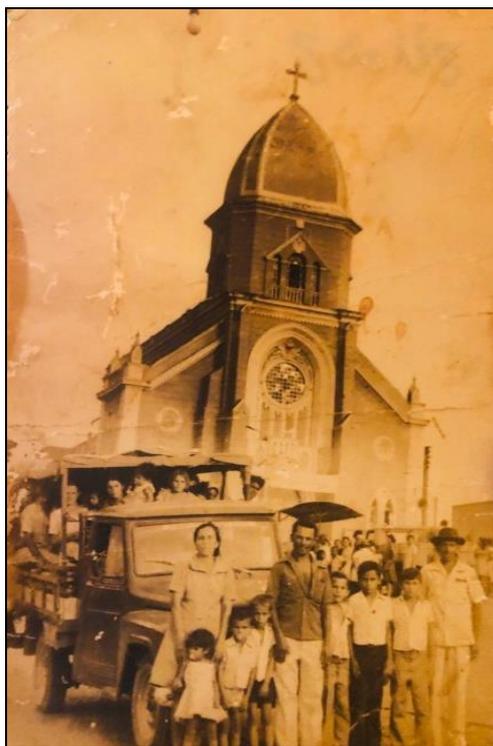
janelas de frente, com uma sala e dois quartos e cozinha e quintal cercado de madeira que avalei por seiscientos mil reis 600\$000.” (INVENTÁRIO, 1937. p. 10).

A casa é o único bem relatado no inventário da Senhora Silvina. Moradora da zona urbana ela tinha mais próximo de sua residência os espaços públicos que ganharam alguns símbolos do moderno, essa aproximação com o centro da cidade valoriza seu imóvel, percebemos isso na descrição detalhada seu sua casa, com 5 metros de frente, construída com tijolos e telas, material nem sempre acessível a todos, com uma porta e duas janelas de frente, dividida entre uma sala e dois quartos, cozinha e quintal cercado de madeira.

A descrição nomeada nos ambientes nos faz refletir sobre a influência que o local possui sobre a divisão da casa, do cuidado com o tamanho da terra em que foi construída e seus materiais. A sala certamente era destinada a receber as visitas, os amigos e familiares, já os dois quartos um da proprietária e outro de alguma visita ou parente que precisasse se hospedar para resolver alguma coisa na cidade, a cozinha é o lugar onde as refeições são preparadas para serem servidas na mesa, local onde muitas confidências são trocadas e laços de afetos são reforçados, o quintal é uma extensão da casa área que pode ser construído uma pequena horta, algumas plantas medicinais, flores e etc., esse espaço rural anexado a casa nos faz observarmos mais uma vez a fluidez do moderno e do rural no mesmo espaço.

A modernização nas formas de viver e morar dos lares umbuzeirenses nos remete ao desejo de afirmação diante da sociedade de sua posição. O sentir-se moderno era representado pelo uso de símbolos que se remetem a conquista material, em seus diversos âmbitos, seja no ambiente público, como no privado, tentam buscar traços e modelos que contenham aspectos da urbe em transformação. Como podemos perceber na foto abaixo:

Figura 08 – Foto da Família Maciel.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na imagem exposta acima, à primeira vista, nos remete a uma foto de família, posada para que todos os membros da família pudessem ocupar espaço na fotografia; é nítido, nesse caso, o esforço para o alinhamento dos filhos mais novos até os mais velhos, entre os pais e com um senhor no canto. Por trás das pessoas que posam para o fotógrafo, percebemos que há um bom número curiosos para presenciarem o ato fotográfico e muitas para saírem nessa foto, que provavelmente não teriam acesso. Ainda podemos perceber a imagem de fundo da Igreja Matriz de Umbuzeiro, uma importante e imponente construção financiada pela elite local e edificada em 1941. Ocasão o que nos remete a uma cena preparada ao final de uma missa, onde o carro cheio de pessoas, provavelmente passageiros, que vinham para o momento religioso, e que muitas vezes eram uma das poucas idas a cidade, tornando-se também um momento de lazer e encontro.

Essa fotografia é da Família Maciel residente na zona rural de Umbuzeiro, na comunidade do Jucá, há cerca de 12 km de distância da sede da cidade. O casal no centro da imagem é o Senhor Roberto Ferreira Maciel e a sua esposa Senhora Geruza Guedes de Aguiar, com seis dos quinze filhos que tiveram ao longo da vida juntos, estão posando para

uma terem uma memória daquele momento, vale lembrar que a fotografia era um artigo de luxo pelo valor cobrado para capturar um registro do que se desejava lembrar.

A família apesar de estar diante de um signo do moderno caro a época, aparenta ser de origem humilde pelas vestes que estão trajando; os meninos maiores vestem calça e camisa de manga curta, os meninos mais novos usam shorts e camisas com o mesmo modelo; o homem ao centro está de calça e camisa de botões e um bolso de cada lado para guardar alguma coisa que precise, ele a usa um pouco aberta assim como as crianças da foto, a mulher ao lado está com um vestido sem muitos adereços, de manga curta e de gola seguindo os padrões de comportamento da época.

Essa fotografia é emblemática no sentido de reportarmos vários sentidos capturados de uma imagem que não foi feita para enunciar nossas interpretações de uma sociedade em um determinado espaço de tempo e local. Assim, ao lançarmos nosso olhar agora para os elementos do espaço público que compõem a cena, podemos visualizar postes de iluminação no perímetro central da urbe, o veículo estacionado por trás de seus proprietários que expõem esse signo do moderno com orgulho na foto, veículo este que não serve apenas como locomoção de pessoas e para o lazer, ele também é utilizado para o trabalho transportando mercadorias, tendo em vista que a Família Maciel era uma família de comerciantes.

As ruas caçadas também testemunharam o lento vai e vem de passantes que atravessavam as longas estradas de terra com destino a sede da cidade para diversos fins, estes “anônimos” em sua grande maioria são os agricultores, os trabalhadores rurais, os pequenos comerciantes, entre outros que não estão na história “oficial”. Mas, encontramos essas pessoas nos vestígios silenciosos adormecidos pelo tempo. Os não vistos, não falados, não enunciados, não são vistos, falados e enunciados pelo simples esquecimento do tempo. Mas, porque não ocuparam cargos importantes, não possuem seus nomes nos prédios e ruas, não estão expostos nas praças em forma de bustos. Se quisermos encontrar essas pessoas que não sabiam ler e escrever é necessário fazer uma história a contrapelo, ir na contra não do dito, procurando nas entrelinhas do silêncio. Assim, podemos trazer um pouco da história de tantos umbuzeirenses desconhecidos em meio a uma constelação de filhos ilustres da urbe umbuzeirense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Umbuzeiro durante as décadas de 1910-1930 foi pensada para ser uma cidade grande, desenvolvida e bela. Portanto, entender os elementos que ajudaram na formação dessa cidade é fazer o exercício de penetrar nos desejos, anseios e intenções de um projeto político voltado para a modernização dessa urbe captando os significados contidos na produção dos signos do moderno nesse espaço urbano. Umbuzeiro possuía uma imagem de cidade adiantada, veiculada em muitos meios de comunicação, que não passava de meros ajustes de memória, figurando como peças centrais no jogo de representações que atendiam a determinados interesses políticos.

“O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.” HARVEY (2014, p. 28). A urbe é composta pelos elementos do fazer de ricos e pobres que consomem essa urbe produzida todos os dias, território de amores, conflitos e medos compõem alguns das cenas que moldam a vida dos cidadãos. Dessa forma, os enquadramentos de memória são antes de tudo formas de demarcar fronteiras, reafirmar identidades, construir pontes com outras memórias, etc.; portanto, o historiador deve buscar ecoar os silêncios contidos no que chamamos de memória subterrânea, a qual possui uma gama de arquivos aguardando esperando o momento de serem evocados.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Eliane Moreli. **Morar e viver na cidade Campinas (1850-1900):** mobiliário e utensílios domésticos. São Paulo: Alameda, 2010.
- ANUÁRIO, 1930. Hemeroteca Digital Brasileira.
- BEIJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRESCIANNI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CABRAL FILHO, Severino. **A Cidade Revelada: Campina Grande em Imagens e Histórias.** Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2009.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje.** Vol.7, nº13. p. 272-292 – 2018.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário: in: **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História.** São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos: Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente.** Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.
- HARVEY, D. **Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- INVENTÁRIO, 1929, p.5, caixa, 26. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.
- INVENTÁRIO, 1930, p.3, caixa, 03. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.
- INVENTÁRIO, 1937, p.10, caixa, 03. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.
- INVENTÁRIO, 1937, p.4, caixa, 03. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.
- INVENTÁRIO, 1938, p.3, caixa, 32. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de; LIMA, Luciano Mendonça de A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. IN: _____ ARANHA, Gervásio Batista. **Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas simbólicas (1880-1925)**. 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito Além do Espaço: Por Uma História Cultural do Urbano**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 16, 1995.

RAMOS, Felipe Aires. **Na Penumbra, a cura: uma história do Curandeirismo na Paraíba (São João do Cariri, 1928-1945)**. Recife: UFPE, 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Relatórios de Presidentes de Estado 1907. Hemeroteca Digital Brasileira.

Relatórios de Presidentes de Estado 1920. Hemeroteca Digital Brasileira.

Relatórios de Presidentes de Estado 1926. Hemeroteca Digital Brasileira.

REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp 2007.

SILVA, Tatiane Vieira da. **A fabricação de uma cidade monumentalizada: memória, identidade e patrimônio em Umbuzeiro (PB)**. Campina Grande: UFCG, 2015. 256f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.